



Eternamente

Gal

#cm
2

QUARTA-FEIRA

Chega às plataformas digitais um tesouro da MPB. **'Gal Costa - Ao Vivo no Teatro Castro Alves'** registra show histórico da cantora em maior de 2003, **tendo apenas sua voz inigualável e o violão de Luis Meira.** O repertório, sofisticadíssimo e selecionado, é uma **viagem à diversidade rítmica e melódica** da nossa canção popular. Página 2

Acervo pessoal Luiz Meira



Gal Costa e Luiz Meira, guitarrista da sua banda por 19 anos, no show que a dupla realizou dentro do projeto 'Vozes do Brasil'

O ecletismo de Gal numa noite de brilho intenso

Repertório do show, agora lançado em álbum, é uma viagem pela riqueza melódica da MPB pela voz de uma das mais expressivas vozes brasileiras

AFFONSO NUNES

Álbuns póstumos costumam ser problemáticos. Entre os muitos aspectos que esses lançamentos trazem à tona é o debate sobre a real intenção do artista em lançar esse trabalho em vida. Se não fez, alguma razão havia. No entanto, há que se considerar que, independente de qualidade técnica, documentos históricos devem ser lançados. É o caso de "Gal Costa - Ao Vivo no Teatro Castro Alves". O disco, já disponível nas plataformas digitais é, sem exageros, divino e nos faz recordar a voz cristalina de Gal Costa e todo seu talento em show raro e intimista de voz e violão. Um tesouro.

O registro suntuoso imortaliza uma performance realizada em 2003, no Teatro Castro Alves, em Salvador, dentro do projeto "Vozes do Brasil". A apresentação era a concretização de um desejo pessoal da cantora, que tinha "uma vontade louca de cantar como se estivesse na sala das pessoas", conforme relatado pelo produtor musical Marco Mazzola.

O show foi acompanhado pelo violonista Luiz Meira, com quem Gal já havia se apresentado em locais como o Carnegie Hall, em Nova York. Meira destaca que o entrosamento era total e descreve a performance como "muito bonito e delicado". Com sua presença de palco marcante e magnetismo pessoal de sobre, Gal revela a dificuldade que teve ao fechar o repertório do show, faz a plateia cantar junto e até pede silêncio à audiência para que possa

UM REPERTÓRIO DE EXCELÊNCIA

- 1 Coraçãozinho (Caetano Veloso)
- 2 Minha voz, minha vida (Caetano Veloso)
- 3 Eu vim da Bahia (Gilberto Gil)
- 4 Chega de saudade (Antônio Carlos Jobim/Vinícius de Moraes)
- 5 Azul (Djavan)
- 6 Olha (Roberto Carlos/Erasmus Carlos)
- 7 Mulher eu sei (Chico César)
- 8 Onde Deus possa me ouvir (Vander Lee)
- 9 A camisa amarela (Ary Barroso)
- 10 Epitáfio (Sérgio Britto/ Eric Silver (adaptador))
- 11 Vapor barato (Jards Macalé/Wally Salomão)
- 12 London London (Caetano Veloso)
- 13 Tigresa (Caetano Veloso)
- 14 Sorte (Celso Fonseca e Ronaldo Bastos)
- 15 Força estranha (Caetano Veloso)
- 16 Nada além (Custódio Mesquita/Mário Lago)
- 17 Chuva de prata (Ed Wilson/Ronaldo Bastos)
- 18 É luxo só (Ary Barroso/Luiz Peixoto)
- 19 Aquarela do Brasil (Ary Barroso)
- 20 Cada macaco no seu galho (chô chuá) (Riachão)
- 21 Socorro (Araldo Antunes/Alice Ruiz)
- 22 Folhetim (Chico Buarque)
- 23 Sábado em Copacabana (Dorival Caymmi/Carlos Guinle)
- 24 O amor em paz (Antônio Carlos Jobim/Vinícius de Moraes)



conversar com uma fã. O momento mais divertido dessa interação é quando ela pede aos homens na plateia que cantem o refrão de "Mulher Eu Sei", de Chico César. "Eu sei como pisar no coração de uma mulher / Já fui mulher eu sei", responde o coro.

O áudio original permaneceu duas décadas sob a guarda de Marco Mazzola, produtor e engenheiro de gravação e mixagem. Mazzola percebeu a importância de registrar "aquele show tão maravilhoso" e levou seu equipamento de captação para o teatro e agora, após o falecimento de Gal, considerou o momento ideal para o lançamento.

Mas não é só colocar o áudio no mercado. O material passou por um rigoroso e criterioso tratamento técnico de remasterização para ganhar o mundo. O trabalho reúne 25 canções que formam um amplo panorama de nossa canção popular. O repertório lotou o Teatro Castro Alves e reúne clássicos de Ary Barroso, Tom Jobim, Riachão e Dorival Caymmi, a temas de Caetano Veloso (com cinco faixas), Gilberto Gil, Djavan, Jards Macalé, Arnaldo Antunes, Alice Ruiz, Roberto e Erasmo, Chico César e Vander Lee. Tudo com a grife interpretativa de Gal e seu reconhecido ecletismo. O ouvinte recebe de volta rigor técnico, sensibilidade e a impressão de estar na plateia diante de uma estrela da MPB. (Veja repertório completo no box).

Maria da Graça Costa Penna Burgos, ou simplesmente Gal, se tornou uma das vozes mais relevantes da música popular brasileira. Sua carreira começou na década de 1960, quando a música brasileira vivia um momento de efervescência criativa. Gal iniciou seus estudos musicais cedo e rapidamente se inseriu no circuito artístico pelo qual transitavam Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé — encontro que a levaria a ser um dos expoentes do movimento tropicalista. Participou do álbum "Domingo" (1967) ao lado de Caetano, e lançou seu primeiro disco solo em 1969. Na contramão de muitos intérpretes de sua geração, Gal não se prendia a gêneros ou estilos musicais. Com sua voz potente e versátil, cantou bossa nova, samba, rock, música nordestina e blues, sempre com uma capacidade singular de reinventar as canções que interpretava. A Rolling Stone a descreveu como "a vocalista feminina mais transcendente da era pós-bossa".

Nos anos 1970 e 1980, conheceu o topo da MPB. Gravou dezenas de discos, participou de trilhas sonoras de filmes e novelas, e conquistou uma base de fãs do tamanho do Brasil. Escolhia criteriosamente seu repertório, recorria a compositores da grandeza de Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Caetano Veloso, Chico Buarque e Ary Barroso. Mas, generosa, Gal também se abria para artistas contemporâneos e novos compositores.

O álbum, uma realização das gravadoras Biscoito Fino e MZA Music, será futuramente lançado em vinil.

Jorge Drexler em tempo de reconexão



Manuel Velez/Divulgação

Cantor e compositor uruguaio lança, no Circo Voador, o álbum 'Taracá'. Trabalho traz repertório que mistura o candombe uruguaio e o samba brasileiro

AFFONSO NUNES

Em turnê pelo Brasil, Jorge Drexler apresenta nesta quarta (27) o show de lançamento de "Taracá", seu 16º álbum de estúdio e o primeiro gravado no Uruguai em quase três décadas. O trabalho marca um retorno geográfico e existencial que o próprio artista descreve como "um pedido de permissão da comunidade uruguaia para me reintegrar".

A história por trás do disco começa há dois anos após a morte de seu pai. No mesmo período, completou 60 anos e marcou três décadas vivendo na Espanha. "Foi o ano em que deixei de ser filho para ser só pai", disse em entrevista. "Senti a necessidade de me reconectar com o Uruguai, não sei bem por quê." A resposta veio através das rodas de candombe que tomaram conta de Montevideú — um fenômeno que o artista descreve como uma "revolução".

"Taracá" carrega duplo significado: é a onomatopeia do som do tambor chico, aquele instrumento que "toca todas as batidas do compasso, exceto a fundamental", nas palavras de Drexler. Mas "taracá" também é uma contração de "estar acá" — estar aqui.



Jorge Drexler revela que o desejo de se sentir pertencido pelo povo uruguaio foi despertado após a morte de seu pai

“Senti a necessidade de me reconectar com o Uruguai, não sei bem por quê”

JORGE DREXLER

As onze faixas mapeiam sonoridades latino-americanas. Uruguai, Porto Rico e Espanha formam a equação, mas é o candombe uruguaio que liga tudo. As colaborações revelam a ambição real do projeto: Rueda de Candombe, Américo Young, a murga Falta y Resto, Young Miko, Julio Cobelli e Ángeles Toledano. Drexler escolheu trabalhar com produtores uruguaio Tadu Vázquez e Facundo Balta, o engenheiro Lucas Piedra Cueva, e os produtores porto-riquenhos Mauro e Gabo Lugo — todos com idades entre 21 e 22 anos. “Eu poderia ter trabalhado

com quem quisesse neste álbum”, explicou. “Mas escolhi trabalhar com pessoas dessa geração.”

Um momento revelador é a reinterpretação de “O Que É O Que É?”, o samba de Gonzaguinha de 1982. Drexler a transformou em “¿Qué Será Que Es?” — uma versão em espanhol gravada com uma roda de candombe. “Esta música sempre me chamava a atenção nas rodas de samba quando tocava no Brasil, e era um momento de elevação espiritual. Tem uma série de questões ontológicas e filosóficas sobre o ser e sobre a vida”, explicou o artista. Ele compara a estrutura

da canção à de uma tragédia grega — começa com um refrão grandioso, passa por partes menores, atravessa estágios de dor e perplexidade, terminando naquela celebração inicial. “Minha intenção é levá-la a outro público, da América Latina, misturada com o candombe. Quis uma homenagem responsável, com referências ao samba, mas fazendo uma adaptação própria, como os brasileiros fazem.”

No palco do Circo Voador, Drexler vem acompanhado por sete músicos em uma proposta cênica completamente inovadora. Com a base do candombe uruguaio como fio condutor, as canções de “Taracá” serão protagonistas do repertório, além de outras músicas de sua extensa carreira. A volta de Drexler ao Uruguai não é nostálgica — é perspicaz. Ele descreve a música uruguaia como estando em uma “fase particularmente interessante”, com figuras muito novas fazendo pontes entre música urbana, trap e nova geração. “Eram muitas novidades que me fizeram voltar para gravar aqui”, disse. E essa volta se reflete em cada faixa: não há produção excessiva, não há efeitos que distraem. Há apenas a densidade sonora de quem entende que a melhor experimentação é aquela que não abandona a tradição, mas a reinterpreta.

A relevância de Drexler é notória. Com 16 prêmios Grammy Latino e um Oscar por melhor canção original (2005, por “Al otro lado del río”), ele é um artista que cruzou fronteiras nacionais, mantendo sua autenticidade. Mas “Taracá” marca algo diferente: é seu primeiro disco gravado no Uruguai em quase 30 anos, e é, por definição do próprio artista, “o mais comunitário que já fiz”. Nesse sentido, Drexler fez o que os melhores artistas fazem quando vivem o suficiente para entender a diferença entre aclamação e pertencimento.

SERVIÇO

JORGE DREXLER - TARACÁ
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
27/5, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos esgotados



Pedro Almodóvar dá instruções aos atores Leonardo Sbaraglia e Quim Gutiérrez no set de 'Natal Amargo'



Os irmãos Pedro e Agustín Almodóvar com Esther García: o trio por trás de El Deseo

El Deseo não é pra quem quer, é pra quem luta cinema



Estreia do festejado (mas controverso) 'Natal Amargo' candidata ao sucesso comercial o novo trabalho da produtora fundada pelos irmãos Almodóvar, Pedro e Agustín, na Espanha

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A estreia brasileira de "Natal Amargo" — título nacional de "Amarga Navidad" — recoloca em circulação uma das forças criativas mais decisivas da história do audiovisual europeu nos últimos 40 anos: a produtora El Deseo. Fundada em 1985 pelos irmãos Pedro e Agustín Almodóvar, a companhia nasceu em Madrid, para estreitar "A Lei do Desejo" (1987), com uma proposta simples e radical: garantir independência artística absoluta a filmes com fome de transgressão. Ninguém era mais faminto, em solo ibérico, naqueles anos, do que o artesão autoral manchego que nos deu pérolas como "A Pele que Habito" (2011). Quatro décadas depois, a companhia transformou-se numa usina de invenção



A diva Carmen Maura em 'A Lei do Desejo', de 1987

cinematográfica capaz de atravessar fronteiras, idiomas e estilos sem perder identidade.

Instalada até hoje na Calle Francisco Navacerrada, no bairro madrileno de Salamanca, a empresa segue funcionando como um núcleo familiar de criação. O comando executivo é dividido entre Pedro, Agustín e a histórica produtora Esther García, uma das figuras mais respeitadas do cinema espanhol

contemporâneo, laureada no Festival de San Sebastián, em 2025, com um troféu honorário.

Mais do que uma simples casa produtora, a El Deseo virou um selo de prestígio autoral. Foi ali que nasceram títulos fundamentais como "Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos", "Ata-me!", "Tudo Sobre Minha Mãe", "Fale com Ela", "Volver", "A Pele que Habito", "Dor e Glória", "Mães Paralelas" e agora

Indicado ao Oscar, 'Sirat', de Oliver Laxe, teve a El Deseo em sua produção



"Natal Amargo".

Ao mesmo tempo, a companhia abriu espaço para cineastas de diferentes gerações e países, acolhendo obras de nomes como Guillermo del Toro, Lucrecia Martel, Isabel Coixet, Oliver Laxe, Damián Szifron e Pablo Trapero. Sua filmografia já ultrapassa 80 produções entre longas e curtas; documentários e séries. Inclua em seu pacote experiências televisivas recentes como "Mentiras Pasajeras". Ao longo desse percurso, a empresa acumulou centenas de prêmios internacionais, incluindo Oscars, BAFTAs, Goyas, César, prêmios em Cannes, Veneza e Berlim.

No Oscar, o histórico impressiona. Produções da El Deseo já receberam mais de 20 indicações ao prêmio da Academia de Hollywood, vencendo ao menos duas estatuetas em categorias centrais: Melhor Filme Internacional para "Tudo Sobre Minha Mãe"; Melhor Roteiro Original para "Fale com Ela". Inclua nesse bonde indicações para atuações, direção, fotografia, maquiagem e trilha sonora que ajudaram a consolidar a presença espanhola no circuito americano. Durante a pandemia, pro exemplo, a empresa se manteve ativa com o curta-metragem "A Voz Humana", derivado de um experimento de Jean Cocteau.

Em "Natal Amargo", há um filme dentro do longa que Almodóvar nos apresenta a partir da crise criativa que leva o diretor Raúl (Leonardo Sbaraglia) a fazer da vida de uma amiga matéria de um novo projeto. Paralelamente, uma publicitária famosa por filmes autorais, Elsa (Bárbara Lennie, em atuação estonteante), dá um rumo diferente à sua vida artística depois de perder

a mãe. Essa perda nos é narrada num fluxo cromático de achapar o olhar, embalado na trilha sonora mais majestosa de Alberto Iglesias, o habitual trilheiro dos almododramas. Visualmente, o longa mantém a sofisticação cromática típica do diretor, mas abraça um tom mais melancólico, quase elegíaco, como se Almodóvar filmasse suas próprias cicatrizes emocionais.

A potência da El Deseo talvez esteja justamente aí: transformar experiências íntimas em acontecimentos coletivos. Seus filmes preservam assinatura estética fortíssima sem abrir mão de comunicação popular. São obras que circulam entre festivais de elite e plateias amplas, entre o melodrama clássico e a provocação moderna. Poucas produtoras no mundo conseguiram construir um catálogo tão reconhecível.

Na história do cinema espanhol, essa linhagem dialoga diretamente com outras casas fundamentais. A produtora de Carlos Saura, associada à histórica Elías Querejeta P.C., e o próprio império criativo de Elías Querejeta ajudaram a sedimentar uma ideia de cinema autoral ibérico muito antes de Pedro Almodóvar reinventar esse conceito para os anos 1980 e 1990.

E o prestígio recente do audiovisual espanhol segue atravessando fronteiras. Na edição deste ano do festival É Tudo Verdade 2026, realizada em abril entre Rio e São Paulo, o grande vencedor internacional foi um documentário ibérico com aura fabular chamado "Uma Película de Miedo", dirigido por Sergio Oksman, reforçando a vitalidade contínua da produção da pátria de Julio Iglesias no circuito cultural brasileiro.



Rebecca Hall e Ben Whishaw passam em revista os laços de amizade em 'O Dia de Peter Hujar', Ira Sachs

Numa MUBI perto de você

Cultuado em Sundance e elogiado na Berlinale, 'O Dia de Peter Hujar', um dos trabalhos mais viscerais de Ira Sachs na direção, chega ao Brasil via streaming, sem circuito... e é imperdível

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Recém-saído da estreia de "The Man I Love" na competição oficial do Festival de Cannes — um dos títulos mais controversos da maratona francesa —, o diretor Ira Sachs havia reafirmado... e fazia pouco... a

sua vocação para o cinema da intimidade com "O Dia de Peter Hujar", lançado agora no Brasil pela MUBI. Aos 33 anos de carreira, o cineasta americano consolidou uma assinatura própria mesmo sem jamais se prender a uma identidade formal rígida. Seu cinema amadureceu acompanhando os afetos, os vínculos de sobrevivência emocional e as ressacas sentimentais do cotidiano, quase sempre orbitando

personagens queer à deriva entre desejo, culpa, memória e companheirismo. Seu tema mais essencial é a brodagem.

Desde "O Amor é Estranho" ("Love Is Strange"), considerado sua obra-prima na arquitetura delicada dos diálogos e das confidências, Sachs vem transformando relações humanas em matéria dramática de rara elegância. "Frankie", rodado em Portugal em 2019, le-

vou-o à disputa da Palma de Ouro e consolidou sua parceria com o roteirista brasileiro Maurício Zacharias. Já "Passagens", de 2023, revelou um cineasta ainda mais interessado nas zonas de fragilidade emocional masculina. Agora, em "O Dia de Peter Hujar", ele expõe suas entranhas num exercício de sutileza mais refinado, visualmente, do que muitos de seus títulos pregressos.

Exibido primeiro em Sundance e depois na Berlinale de 2025, o longa adapta o livro homônimo de Linda Rosenkrantz, baseado numa conversa real gravada em 1974 entre essa escritora e o fotógrafo Peter Hujar. Ambientado inteiramente no apartamento dela, em Manhattan, o filme transforma uma única tarde numa espécie de fluxo existencial sobre arte, liberdade, amizade e sobrevivência criativa na Nova York dos anos 1970.

Sachs filma essa troca de ideias com um rigor de encenação que surpreende até mesmo quem acompanha sua filmografia há duas décadas. Há mais precisão na condução dos planos, maior sofisticação na decupagem e um cuidado sonoro incomum em sua obra. A fotografia granulada de Alex Ashe, rodada em Kodak 16 mm, recria uma Nova York suja, boêmia e luminosa ao mesmo tempo, quase como um território suspenso entre a decadência e a invenção artística.

Saliva, desejo e afeto seguem jorrando aos litros, como sempre acontece em seu cinema, herdeiro indireto de nomes como Hal Ashby e Paul Mazursky. Mas há aqui um apuro formal inédito. A montagem precisa do paulistano Affonso Gonçalves impede que o espaço único se torne claustrofóbico, imprimindo fluidez a um filme essencialmente construído sobre a palavra.

De volta à parceria com Sachs após "Passagens", Ben Whishaw oferece uma atuação monumental na pele de Hujar. Seu fotógrafo é doce, ferino, melancólico e arrogante na mesma medida. Enquanto revive encontros com figuras como Allen Ginsberg e Susan Sontag, ele também expõe as agruras de existir artisticamente numa América dominada pelo consumo e pela precariedade financeira.

Ao lado dele, Rebecca Hall sustenta o filme com escuta e presença silenciosa. O diálogo entre os dois ganha um ritmo quase musical, transformando o que poderia ser mero palavrório intelectual num poderoso tratado sobre cumplicidade.

Peter Hujar, morto em 1987 em decorrência do HIV, emerge do longa como símbolo de uma geração queer radicalmente comprometida com a própria arte. Sachs, que chegou a Nova York em 1988, olha para aquele universo com admiração evidente. Seu filme não é apenas sobre um fotógrafo ou uma época: é sobre a permanência dos laços afetivos e da criação artística diante da passagem do tempo.

"O Dia de Peter Hujar" acaba se revelando uma ode às amizades que sobrevivem às ruínas — e à capacidade que o cinema tem de eternizar conversas aparentemente pequenas. O que começa como registro de um dia transforma-se numa reflexão melancólica e luminosa sobre o ato de existir.

Fora "O Dia de Peter Hujar", o filé da MUBI este mês é uma seleção de títulos egressos de diferentes locais da África que se fizeram notabilizar via Festival de Cannes. "Bamako" (2006) compõe o bonde. O mauritano Abderrahmane Sissako assina adireção, narrando o calvário de Melé, uma cantora de barzinho prestes a perder seu casamento, por falta de amor. Uma batalha política contra o FMI envolvendo vizinhos de seu conjunto habitacional chocalha seu cotidiano.

Vencedor da Palma de Ouro de 1975, o argelino Mohammed Lakhdar-Hamina (1934-2025) vai para esse rol de africanidades da MUBI com o longa que o imortalizou "Chronique Des Années De Braise", aqui traduzido como "Crônica dos Anos de Fogo". No roteiro desse drama, Ahmed, um pastor pobre, deixa sua aldeia na Argélia com a esposa e os dois filhos para ir para a cidade se juntar ao primo Kouider, em busca de uma vida mais fácil. Ele consegue um emprego em uma pedreira, onde descobre a miséria e a injustiça. Lá conhece Miloud, um louco visionário que vagueia pelos cemitérios. A Segunda Guerra Mundial eclode em meio aos desdobramentos da rotina laboral de Ahmed, que vê sua família ser levada por uma epidemia de tifo.

Neste fim de semana, sai a grade da MUBI de junho. Estão fixos por lá produções oscarizadas como "Valor Sentimental", de Joachim Trier.



O cineasta Ira Sachs

Jac Martinez/Divulgação

MUBI

Eternia à paulistana



He-Man de 6 metros de altura substituiu para-raios em shopping de São Paulo, recriando cena clássica da animação



O britânico Nicholas Galitzine em cena de "Mestres do Universo"

'Mestres do Universo', live action da animação 'He-Man', promove campanha de tom nostálgico para conquistar público brasileiro



Elenco participou de trio elétrico e da pré-estreia em São Paulo

PEDRO SOBREIRO

Existe uma brincadeira na internet que diz que "tudo no Brasil vira trio elétrico". No caso da campanha de "Mestres do Universo", nova adaptação em live-action do He-Man e seus amigos, isso é mais do que verdade. O longa vem apostando em uma campanha publicitária marcada pela alegria e pela nostalgia, e a ação da Sony no último domingo (24), durante a Virada Cultural de São Paulo. A Sony Pictures trouxe o elenco do filme para o Brasil e literalmente colocou os atores e o diretor para desfilarem em um trio elétrico durante as festividades paulistanas ao lado do grupo "Trem da Alegria", que eternizou o hit "He-Man" nos anos 80.

Em cima do trio elétrico, o ator Nicholas Galitzine, o novo He-Man, cantou e dançou ao som da banda, e protagonizou um mo-

mento que arrancou gargalhadas do público, que foi quando ele percebeu que a música que estava sendo cantada era sobre o herói que ele interpretou.

Por falar no Trem da Alegria, a Sony abraçou de vez a pegada nostálgica do filme, que é uma aventura inocente e descompromissada, tal qual a animação original, e passou a promover o trailer nos cinemas brasileiros com a música do grupo nacional de fundo, transformando o que seria apenas mais um trailer em uma verdadeira viagem aos anos 80.

Após o trio elétrico, Galitzine, Camila Mendes (Teela) e o diretor Travis Knight se trocaram e compareceram à sessão de pré-estreia do filme. No tapete vermelho, o encontro de gerações mais aguardado do dia aconteceu. Galitzine foi apresentado ao dublador Garcia Jr., voz oficial do He-Man no Brasil desde os anos 80. Como parte da proposta nostálgica, a Sony convidou a eterna voz do herói para regressar no novo fil-

me. Então, quando o público estiver assistindo "Mestres do Universo" dublado, será a voz icônica da animação que ecoará pelos autofalantes das salas.

Isso é de um acerto indescritível, porque dublagem é, acima de tudo, é identidade. Para muitos, o He-Man só existe com a voz de Garcia Jr., e trazê-lo de volta para repetir um dos papéis que o eternizou na cultura pop é um gesto de respeito - com o profissional e com o público - incomensurável.

Antes do trio elétrico na Avenida Paulista, o 'He-Man' já havia escolhido a capital paulista como seu lar em 2026. Se a Supergirl vai desembarcar no Rio no próximo mês, o Príncipe Adam foi para a região central paulistana para roubar os holofotes.

No mês de abril, por exemplo, uma ação da Mattel, fabricante de brinquedos que detém os direitos do personagem, instalou um para-raios de seis metros no formato

do He-Man empunhando a Espada do Poder no topo do Shopping Light, no coração da região central. Com as fortes chuvas que caíram na região, a clássica cena do herói erguendo a espada e soltando raios foi recriada na vida real.

A estátua de 6 metros de altura chamou atenção de moradores e turistas, dando início a essa fase nostálgica que o filme quer instaurar no público brasileiro. "Esta ação trouxe uma das imagens mais poderosas de Mestres do Universo e a transformou em uma experiência real em um espaço público simbólico para os paulistanos. Queremos conectar os fãs com a nova coleção de brinquedos e conteúdos de uma forma

inesperada, celebrando a magia de Eternia em uma escala que convida todos a olharem para cima", contou Cristina Gómez, Gerente Sr. da Mattel.

Durante a Virada Cultural, o centro paulistano voltou a ser tematizado com o universo do He-Man, quando a Sony projetou o icônico castelo de Grayskull na fachada do Theatro Municipal, criando um dos cenários mais mágicos do imaginário infantil brasileiro da década de 1980.

Mestres do Universo chega aos cinemas brasileiros em 4 de junho, mas haverá sessões de pré-estreias em cinemas selecionados. Os ingressos já estão à venda pela internet.

“O que mais me interessa nessa história é justamente a delicadeza com que revisitamos esse lugar escuro. Esse lugar assustador onde, muitas vezes, a gente acredita que não existe saída”

WAGNER D'AVILLA



Reflexão sobre afetos e padrões de gênero

Homero Ligere atua em monólogo sobre vulnerabilidades masculinas com temporada a partir do dia 3 no Teatro Gláucio Gill

O ator Homero Ligere sobe ao palco do Teatro Gláucio Gill, em Copacabana, no próximo dia 3 para apresentar “Primeira Pessoa”, solo que mergulha nas fraturas emocionais da masculinidade contemporânea. Escrito por Ligere em parceria com Wagner D’Avilla e dirigido por Re-

nata Mizrahi e Guilherme Scarpa, o espetáculo propõe uma conversa íntima sobre vulnerabilidade, afeto e os paradigmas que moldam o universo masculino — temas relevantes em contexto de crescente debate sobre masculinidade tóxica e saúde mental.

A peça percorre diferentes etapas da vida de um homem, revisitando sua infância e adolescência

nas décadas de 1980 e 90, período em que práticas como bullying eram normalizadas e frequentemente invisibilizadas. O texto trabalha com a ideia de que muitos homens foram educados para suprimir sentimentos e endurecer emoções, criando uma barreira entre o sujeito e sua própria vulnerabilidade. “Essa peça fala sobre homens que foram ensinados a esconder sentimentos e

endurecer emoções. Quisemos abrir espaço para falar de afeto, receios e fragilidade”, explica Homero Ligere.

Wagner D’Avilla, coautor do texto, enfatiza a dimensão de acolhimento que perpassa a narrativa. “O que mais me interessa nessa história é justamente a delicadeza com que revisitamos esse lugar escuro. Esse lugar assustador onde, muitas vezes, a gente acredita que não existe saída. E talvez exista algo profundamente libertador nisso: perceber que nem tudo precisa ser resolvido para, finalmente, ser acolhido”, afirma. A fala aponta para uma abordagem que não busca resolver ou “curar” a masculinidade, mas reconhecer suas

Homero Ligere em ‘Primeira Pessoa’, texto que mostra como homens foram educados a esconder sentimentos

fraturas como parte legítima da experiência humana.

A direção de Renata Mizrahi e Guilherme Scarpa opta por uma linguagem intimista, evitando discursos fechados ou fórmulas prontas. Scarpa destaca que o espetáculo chega aos palcos para “dar voz, corpo e redenção” a quem foi silenciado e obrigado a se enquadrar em padrões arcaicos. A proposta dialoga com um movimento mais amplo no teatro contemporâneo de revisar narrativas de gênero a partir de perspectivas que questionam estruturas tradicionais.

“Primeira Pessoa” convida o espectador a um diálogo silencioso sobre temas que raramente ganham espaço em conversas públicas. A montagem chega em um momento em que discussões sobre saúde mental masculina, paternidade ativa e expressão emocional ganham força em diferentes esferas da sociedade — do cinema ao jornalismo, passando por movimentos sociais.

A temporada segue até 24 de junho, com apresentações todas as quartas-feiras às 20h. O espetáculo é indicado para maiores de 14 anos.

SERVIÇO

PRIMEIRA PESSOA

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana)

De 3 a 24/6, às quartas-feiras (20h)

Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)



Uma travessia por nossos biomas

AFFONSO NUNES

Exposição sobre crise ambiental no CRAB une arte popular de 64 artistas em instalação imersiva floresta construída à mão

Em tempos de crise climática, o Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB) abre as portas para uma experiência em torno da urgência ambiental na exposição “Mata Viva”, que reúne 259 obras de 64 artistas de 24 estados brasileiros em um percurso que atravessa os cinco principais biomas nacionais: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Pantanal e Mata Atlântica.

Com a curadoria de Jair de Souza e Jorge Mendes, a mostra posiciona a arte popular para além de leituras folclóricas, apresentando peças em madeira, argila, fibras e sementes. O diferencial está na expografia: integralmente construída à mão durante três meses, a cenografia inclui dezenas de árvores monumentais e cerca de 2 mil m² de paredes e

pisos pintados manualmente, criando a sensação de atravessar uma floresta construída.

O projeto expográfico foi concebido por Leandro Assis - conhecido por trabalhos em alegorias de escolas de samba. O percurso começa com imagens e sons de incêndios florestais, traduzindo a devastação dos biomas. Em seguida, a regeneração: uma criança indígena celebra o Kuarup, ritual ancestral que afirma continuidade.

Pensamentos de lideranças indígenas como Ailton Krenak e Davi Kopenawa permeiam as galerias, configurando “Mata Viva” como exposição com sentido de resistência.

SERVIÇO

MATA VIVA

Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro - CRAB (Praça Tiradentes, 69 - Centro)
Até 13/6, de terça a sábado (10h às 17h)
Entrada franca



Exposição 'Mata Viva' reúne 259 obras de 64 artistas de 24 estados

